

ENTREVISTA/Newton Cardoso

Newton defende inversão de pauta

SIDNEY MARTINS

BELO HORIZONTE — Satisfeito com a permanência do Ministério do Planejamento em mãos de um mineiro, o Governador de Minas, Newton Cardoso, pretende agora partir para outra ofensiva: conseguir dos Governadores do PMDB apoio para a tese de que a única maneira de acelerar os trabalhos da Constituinte é

a inversão da pauta de votação.

Principal tema da reunião que promoverá na sexta-feira em Montes Claros, no Norte do Estado, a estratégia para apressar os trabalhos da Constituição não entrará, por enquanto, na discussão do sistema de governo e do mandato presidencial.

Outra preocupação de Newton, no mo-

mento, é com a unidade partidária, pelo menos até que sejam encerrados os trabalhos constituintes. O Governador não arrisca um palpite sobre a formação de partidos a partir do PMDB após a promulgação da Constituição, mas adianta que haverá uma depuração, um refinamento.

Ainda sobre a união do PMDB, Newton acha que a questão está muito ligada à

economia e acredita que as coisas poderão melhorar a partir do desempenho dos Ministros da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e do Planejamento, João Batista de Abreu. Apesar disso, porém, critica os companheiros do partido por terem usado o Presidente José Sarney para se eleger e agora, quando Sarney precisa do PMDB, não têm um programa pronto para oferecer ao Governo.

O GLOBO — Qual vai ser a tônica da reunião dos Governadores em Montes Claros?

NEWTON — Queremos abreviar a Constituição. Há uma reclamação nacional, uma sociedade que está inquieta à espera dessa Constituição. Então acho que chegou o momento de a gente tomar uma posição nacional dos Governadores para encontrar uma solução imediata e terminar essa Carta.

O GLOBO — Nos encontros que o senhor já teve chegou-se a um consenso sobre como acelerar esse processo?

NEWTON — Sugerir a inversão de pauta. Entendo que, assim que se votar o sistema de governo e a duração do mandato do Presidente, o resto vem por osmose. De modo que esses dois capítulos importantes é que vão apressar a Constituição. O resto, muita coisa vai encurtar e muita coisa vai ser remetida para a legislação ordinária. É impossível votar uma Constituição de 300 artigos.

O GLOBO — E existe consenso dos Governadores sobre isso?

NEWTON — Parece que vai haver consenso nisso. Há uma tentativa. Soube que até o Líder do PMDB, Mário Covas, está querendo isso. E se ele quer isso, vamos fazer um apelo às lideranças, porque essa Constituição é importantíssima. Há uma expectativa nacional, porque o País está meio parado, sobretudo com relação a investimentos. O que me preocupa sobretudo é isso, a retomada do investimento.

O GLOBO — Por que não se tomará uma posição em relação às questões do sistema de governo e da duração do mandato?

NEWTON — Para não quebrar a força da reunião. Não quero fazer de uma reunião de Governadores, na qual haverá colegas que pensam diferente, um dissenso, que alguém se-

ja derrotado. Queremos uma palavra de união. O partido tem de se unir. Então vamos cuidar de outros temas, de união partidária e discutir a vida nacional.

O GLOBO — E a união partidária? Existe uma solução para o PMDB?

NEWTON — Olha, existe. Está muito ligada à área econômica, que é o Mailson e o João Batista, homens afinados e que conhecem a casa, não trazerem proposta astronômica e pacote polêmico.

O GLOBO — Mas, politicamente, o PMDB é um partido dividido. Aqui mesmo em Minas o senhor enfrenta uma ala de oposição dentro do próprio PMDB.

NEWTON — O PMDB vai se depurar. O PMDB aceitou essa frente, que foi muito boa e mudou o regime como frente de oposição, abrigando várias tendências ideológicas. Temos comunistas no partido e muita gente de outros partidos que não participou dessa luta de 21 anos do PMDB, mas que se abrigou na legenda para ganhar. É claro que ela fraquejou, enfraqueceu, porque já está mesmo mal, mas ainda não se esgotou.

O GLOBO — E para quando o senhor prevê essa depuração?

NEWTON — Para logo depois da Constituinte. Bom, depurar pode não ser o caso, mas que pelo menos ele se afine e se acerte como o partido que era antes.

O GLOBO — O senhor acha que uma eleição casada este ano seria boa para o PMDB?

NEWTON — Acho que o ideal para nós este ano é fazermos eleições municipais. Em 1989 a eleição presidencial. Entendo que é uma eleição fácil em 1989. Uma eleição eletrônica, na qual vai desaparecer o comício e a concentração. Hoje, a televisão to-



“Quero abreviar a Constituição. Há uma reclamação nacional, de uma sociedade que está inquieta”

mou conta. E é bom que seja eletrônica, para baratear o custo. Vai ser uma eleição solteira.

O GLOBO — Quem ganha as eleições em 1988?

NEWTON — Acho que o PMDB ganha em 1988. Aqui em Minas, hoje, posso afirmar que em 1988 vamos fazer de 70 a 80 por cento das Prefeituras (de um total de 723 municípios).

O GLOBO — O senhor reconheceu que houve várias pressões de outros Estados para a indicação do novo Ministro do Planejamento. O Presidente José Sarney, porém, lhe garantiu que o Ministério continuaria sendo de Minas. A que o senhor atribui esse prestígio com o Presidente?

NEWTON — O prestígio é do Estado, não é meu. Minas sempre teve esse

prestígio. Como ele conquistou um espaço no Ministério, um espaço econômico, era meu dever continuar com esse espaço. Aliás, não só nesse caso, mas em outros Ministérios que porventura vierem a vagar, nessa vacância Minas vai pleitear a continuidade. Não estou querendo avançar sobre o espaço de outros Estados, mas preservar o espaço é meu dever. E acho que o Presidente, pela amizade que tem ao Governador, preservará esse espaço.

O GLOBO — O senhor tem recebido com bastante frequência empresários e políticos de expressão nacional. Qual é o peso do Palácio da Liberdade nisso?

NEWTON — Minas está retomando também um investimento público e privado. Não investimos há muito tempo e nos preocupamos em retomar esse investimento. E isso nos obriga a ter aqui a presença constante de

empresários e políticos para essa nova chamada econômica do Estado.

O GLOBO — O segredo seria administrar o Estado como empresa?

NEWTON — Administro como empresa. Acabou o paternalismo, o empregismo, o favoritismo, o compadrismo. Estes substantivos estão sumindo do dicionário político do Estado, enquanto for Governador.

O GLOBO — Como o senhor vê essa série de denúncias de corrupção no Governo Federal?

NEWTON — Acho que na vida pública a gente só ganha uma coisa: o nome. Eu, por exemplo, estou fazendo um Governo de muita austeridade, de dignificação da função pública. Condono esses episódios com muita veemência, porque o Estado está dando um exemplo, restaurando a dignidade financeira do Estado. O Estado hoje está sendo saneado financeiramente, pensando em destino. Isso gera confiança em todo mundo, em todo o empresariado.

O GLOBO — O senhor acha, então, que o Presidente deveria ser mais austero?

NEWTON — Ele tem sido um homem digno, sério. Agora, a máquina é pesada. A máquina é emperrada. Diria que ele deveria enxugar essa máquina. Fiz isso em Minas. Extingui aqui várias Secretarias e fechei várias empresas públicas. Isso tem um peso grave, é impopular e atinge a muita gente, mas tem um ganho final que é o povo.

O GLOBO — Que Ministérios o senhor extingüiria, por exemplo?

NEWTON — Bom, é difícil. É até atrevido citar isso, mas pelo menos uns seis Ministérios eu fecharia.

O GLOBO — O senhor já chegou a comentar isso com o Presidente?

NEWTON — Não, mesmo porque não sou Presidente. Respeito a sua administração. Mas ele não tem culpa disso, porque já pegou o bonde andando. Pegou até os Ministros no meados.

O GLOBO — O tratamento dado à economia tem esbarrado sempre em interesses políticos. O senhor acha que a entrada de dois Ministros eminentemente técnicos nos Ministérios da Fazenda e do Planejamento pode melhorar alguma coisa?

NEWTON — Há uma melhora. É meio caminho andado, mas é lógico que não é ainda a solução, porque esses técnicos não estão pegando o Brasil stand-by. Estão administrando uma massa falida que o PMDB herdou. Acredito que esses dois técnicos vão melhorar muito o perfil de nossa dívida externa e interna. Eles vão dar condições de negociar com os bancos americanos e o Clube de Paris essa dívida externa com uma outra ótica, uma ótica técnica e não política.

O GLOBO — Do ponto de vista político, o que está faltando ao Presidente para governar o País?

NEWTON — Internamente, ele tem feito tudo, mas temos de entender que esse é um País pobre. Nenhum passe de mágica mudaria nossa economia. Acho também que a economia vai mal para o Brasil porque, com o apoio do PMDB, declarou a moratória. Isso nos custou muito. Hoje, os países desenvolvidos esperam o pagamento de seus juros. Esperam o reatamento com o FMI, sem preconceito, sem exigir recessão. E os nossos companheiros têm de entender que usaram o Presidente para ser eleitos. Usaram falsamente o Plano Cruzado para chegar aonde estão. Não é a melhor maneira. O Presidente, em si, é uma pessoa bem intencionada, precisa do partido, mas, infelizmente, o PMDB não tem um programa pronto para o Governo.